

ANDRÉ LUIZ JACOBUS

Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul.
Bolsista do Instituto Anchieta de Pesquisas.

Desde as pesquisas de Lund, na região de Lagoa Santa, a questão da associação entre os homens pré-históricos e a fauna extinta, em território brasileiro, vem sendo debatida. Esta questão, que envolve pesquisas arqueológicas e paleontológicas, necessita ser investigada sob dois aspectos distintos. Um seria a convivência de populações pré-históricas com a fauna extinta, isto é, a coexistência sincrônica e espacial. Outro seria a captura e utilização desta fauna pelos homens pré-históricos.

Antes de tudo, é preciso aclarar a terminologia que julgamos adequada utilizar ao nos referirmos a associação de homens com a fauna extinta. Comumente é usado o termo "megafauna" quando se faz referência a mamíferos de grande porte, característicos do Pleistoceno e atualmente extintos. O termo mais adequado é "megamamíferos" por deixar clara a referência a mamíferos de grande porte, excluindo assim a idéia de animais de outras classes, tais como aves e répteis. Algo tão comum entre leigos em associar homens pré-históricos com dinossauros. Um fato que nem sempre é lembrado é o de que no período pleistocênico já existiam praticamente todos os mamíferos característicos da fauna recente. Outro fato é a existência de megamamíferos da fauna recente. Outro fato é a existência de megamamíferos em nossa fauna, tais como: a anta, a onça, o puma, a capivara, o queixada, o cateto, o veado-campeiro e o cervo-do-pantanal (BOMBIN, 1975: 17). Por estas razões o termo mais adequado utilizar ao referir-se a mamíferos de grande porte, característicos do Pleistoceno, é "megamamíferos extintos".

Pretendemos comentar as evidências até agora existentes, para o nosso território, da associação entre homens e megamamíferos extintos e comparar estas evidências com aquelas existentes para outros territórios sul-americanos. Procurando explicações viáveis para a discordância de dados e sugerindo itens para futuras pesquisas.

Evidências de Associação entre Homens e Megamamíferos Extintos

As evidências que comprovam a associação entre homens e megamamíferos extintos são de vários tipos. Uma delas se dá quando são encontrados vestígios destes animais em íntima associação com artefatos, isto é, quando evidencia-se a deposição sincrônica. O fato de ocorrer vestígios de megamamíferos extintos do mesmo nível em que ocorrem artefatos não significa necessariamente a associação entre ambos. Outra evidência é o achado de seus elementos ósseos com inquestionáveis cortes produzidos por artefatos líticos. A representação destes animais na arte rupestre é outra evidência de associação com os homens.

Na América do Sul em vários sítios foi evidenciada a associação de artefatos com vestígios de megamamíferos extintos. Na Venezuela, no sítio Taima-taima, datado de ca. 14.000 AP, evidenciou-se vestígios de mastodonte (BRYAN, 1983: 140). Na Colômbia, no sítio Tibitó, datado de 11.740 AP, vestígios de mastodonte e equídeo (URREGO, 1986: 119). No Peru, no sítio Pikimachay, datado de Ca. 12.000 a 20.000 AP, vestígios de milodontídeo, equídeo, esmíldonte e macrauquênia (BRYAN, 1983: 141). No Chile, no sítio Taguatagua, datado de 11.430 AP, vestígios de mastodonte e equídeo (STANFORD, 1982: 211). No sítio Los Vilos, datado de 10.925 a 11.600 AP, vestígios de mastodonte (STANFORD, 1982: 211-212). E no sítio Monte Verde, datado de Ca. 12.000 a 14.000 AP, vestígios de mastodonte (DILLEHAY, 1986: 331). Na Argentina, no sítio Arroyo Seco 2, datado de 8.390 AP, vestígios de megatério, glossotério, milodonte, gliptodonte, macrauquênia, equídeo e paleolhama (FIDALGO et alii, 1986: 235). No sítio Fell, datado de 10.720 AP, vestígios de milodonte e equídeo (GOÑALONS, 1986: 274). No sítio Palli Aike, datado de 8.639 AP, vestígios de milodonte e equídeo (GOÑALONS, 1986: 275). No sítio Los Toldos, datado de 8.750 a 12.600 AP, vestígios de equídeo e lhama extinta (GOÑALONS, 1986: 274). No sítio de Las Buitreras, datado de 9.100 AP, vestígios de milodonte e equídeo (CAVIGLIA et alii, 1986: 304). No sítio Cueva del Mylodon, datado de Ca. 10.500 a 13.000 AP, vestígios de milodonte, macrauquênia e equídeo (GOÑALONS, 1986: 273). E no sítio Gruta del Índio, datado de 9.500 a 11.500 AP, vestígios de milodonte e megatério (LAGIGLIA, 1974: 18).

Na maioria destes sítios os vestígios de megamamíferos extintos são escassos, predominando vestígios de guanaco. Outros sítios parecem evidenciar a especialização na captura de mastodontes, como os sítios Taima-taima, Los Vilos e Monte Verde. Em resumo os sítios com evidência de associação entre homens e estes animais são escassos.

Para o território brasileiro, as evidências de associação entre homens e megamamíferos extintos são ainda mais escassas, sendo algumas delas ainda não comprovadas. O conhecimento da etologia e de datações para a extinção de megamamíferos que ocorreram no Brasil é inexpressivo. Estes dados, de extrema importância para os arqueólogos, necessitam ser investigados mais atentamente pelos paleontólogos especialistas neste tipo de animais. Destes animais, que poderiam ter coexistido com as populações pré-históricas brasileiras, há representantes de várias famílias, tais como megaterídeos (megatério, eremotério, e notrotério), milodontídeos (glossotério, lestodonte, selidotério e selidodonte), dasipodídeos (pampatério e propraopo), gliptodontídeos (panoto, deducuro, gliptodonte e hoploforo), ursídeo (arctodo), felídeo 9esmilodontídeo), macrauquênídeo (macrauquênia), toxodontídeo (toxodonte), gonfoterídeos cestegomastodonte e haplomastodonte), taiaussuídeo (brasílioquero), camelfídeo (paleolhama), cervídeo (morenelafo) e equídeos (hipídeo e cavalo americano) (PAULA COUTO, 1976).

Existem algumas evidências de associação entre artefatos e megamamíferos extintos. Infelizmente ainda não comprovadas através de fotografias destes achados *in situ*, o que deixa a dúvida quanto a sua íntima associação. No Rio Grande do Sul existem 15 sítios contendo elementos ósseos destes animais. No sítio RS-I-50: Lajeado dos Fósseis foi encontrado um crânio, extremamente fragmentado, de glossotério e datado de 12.770 AP (MILLER, 1976: 487). Na Bahia, no sítio Toca do Manoel Latão foram encontrados elementos ósseos de megamamíferos extintos (BIGARELLA et alii, 1984: 36).

Melhor documentadas estão as evidências de elementos ósseos destes animais com sinais de corte. No Rio Grande do Sul no sítio RS-I-70: Imbaá-1 foram encontrados dois ossos longos associados a lascas. Segundo o autor do achado, estariam seccionados por entalhes, sendo um deles chanfrado bifacialmente na extremidade seccionada. Um dos ossos pertencendo a um cervídeo e o outro não sendo identificado (MILLER, 1976: 487). Ao analisarmos estes elementos ósseos, pertencentes ao acervo do MARSUL, constatamos tratar-se de uma tíbia esquerda (extremidade distal) de um cervídeo do gênero *Mazama* e de um metatarso direito (extremidade distal) de um bovídeo, portanto não pertencentes a megamamíferos extintos. A tíbia apresenta retirada de lascas nas faces anterior e posterior, não tendo sido necessariamente por ação humana. O metatarso apresenta sinais de cortes produzidos por lâmina metálica.

Em Minas Gerais, no sítio Lapa dos Borges foi encontrado um ílaco de haplomastodonte com sinais de corte e lascamento. Não estando associado com artefatos (PROUS, 1986: 175). Na Bahia, na Gruta dos Brejões foi encontrado, pelo paleontólogo Castor Cartelle, um úmero direito de glossotério, não associado a artefato. Este elemento ósseo sofreu a eliminação parcial da cabeça e uma série de cortes na crista deltóide (PROUS, 1986: 175 e 178). Nesse mesmo Estado, no sítio Toca dos Búzios foi encontrado um elemento ósseo, provavelmente de equídeo, com sinais de corte. Não há referência a associação com artefatos (BIGARELLA et alii, 1984: 36). Somente o ílaco de haplomastodonte e o úmero de glossotério estão documentados através de fotografia, persistindo a dúvida quanto aos outros achados.

Existe uma evidência de representação de um possível megamamífero extinto na arte rupestre. O achado localiza-se no município de Central, no Estado da Bahia. É uma representação de caça, que segundo os autores do achado tratar-se-ia de um toxodonte (BIGARELLA et alii, 1984: 32-33).

Comentários Finais

Pelas evidências existentes, na América do Sul, de associação entre homens e megamamíferos extintos, conclui-se que houve a coexistência sincrônica e espacial. Já para o Brasil, com exceção da Gruta dos Brejões, as evidências estão muito mal documentadas, não possibilitando assim uma afirmação mais segura a este respeito. Os vestígios destes animais encontrados em sítios arqueológicos são escassos, nem sempre estando comprovado que ali foram depositados pelos homens que ocuparam esses sítios. Sendo os vestígios de guanaco os que ali predominam, evidenciando assim uma captura de megamamíferos extintos em ocasiões circunstanciais.

Como BORRERO (1980: 217) e FIDALGO et alii (1986: 240) acreditamos que a escassez destas evidências é uma função da baixa demografia humana daquela época, que teria uma taxa de crescimento anual de 0,1% ou menor ainda, e também da menor proporção destes megamamíferos em relação a fauna de pequeno e médio portes, que seria mais rica em espécies e espécimens. Para pequenos bandos de caçadores-coletores seria inviável economicamente a captura de megamamíferos extintos, pois gastariam muito mais energia e não utilizariam plenamente a grande quantidade de proteínas obtidas, porque esta entraria em decomposição antes que o

bando pudesse consumi-la. Esta situação seria mais agravante em ambientes tropicalizados, como o cerrado e a caatinga, como acentuei em outra oportunidade (JACOBUS, 1986).

Quanto ao papel dos homens pré-históricos na extinção de megamamíferos concordamos com BORRERO (1977: 90) que foi mínimo e que se integra em uma quantidade de causas concorrentes, que não seriam as mesmas para todos os locais do continente americano.

Sugerimos que doravante as evidências de associação entre homens e megamamíferos extintos, que por ventura venham a ser encontrados no Brasil, deveriam ser melhor documentadas e publicadas. Somente procedendo desta maneira estaremos contribuindo para o melhor conhecimento do que se passou com as populações do final do Pleistoceno e início do Holoceno e também auxiliando o trabalho dos paleontólogos que estudam estes megamamíferos.

BIBLIOGRAFIA

- BIGARELLA, J. J. et alii. Registro de fauna na arte rupestre: possíveis implicações geológicas. **Revista de Arqueologia** 2(1): 31-37. 1984
- BOMBIM, M. Afinidade paleoecológica, cronológica e estratigráfica do componente de megamamíferos na Biota do Quaternário Terminal da Província de Buenos Aires (Argentina), Uruguai e Rio Grande do Sul (Brasil). **Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS** 9: 1-28. 1975
- BORRERO, L. A. La Extincion de la megafauna: su explicacion por factores concurrentes, la situacion en Patagonia Austral. **Anales del Instituto de la Patagonia** 8: 81-93. 1977.
- . La Relacion entre los primeros cazadores americanos y la fauna pleistocena: consideraciones demográficas. **Actas del II Congreso Argentino de Paleontología y Bioestratigrafia y I Congreso latinoamericano de Paleontología** 3: 211-221. 1980.
- BRYAN, A. L. South America. In: SHUTLER, E. (editor) **Early man in the New World**. Beverly Hills. SP. p. 137-146. 1983.

- . **New evidence for the Pleistocene peopling of the Americas**. Orono, CSM. 1986.
- CAVIGLIA, S. E. et alii. Las Buitreras: convivenai del hombre con fauna extinta en Patagonia Meridional. In: BRYAN, 1986. p. 295-317. 1986
- DILLEHAY, T. D. **The Cultural relationships of Mesa Verde: a late Pleistocene settlement site in the sub-antarctic forest of south-central Chile**. In: BRYAN, 1986. p. 319-337. 1986.
- FIDALGO, F. et alii. Investigaciones arqueologicas en el sitio 2 de Arroyo Seco (Pdo. de Tres Arroyos – Pcia. de Buenos Aires – Rep. Argentina). In: BRYAN, 1986. p. 221-269. 1986.
- GOÑALONS, G. L. M. Patagonian prehistory: early exploitation of faunal resources (13,000 – 8,500 BP). In: BRYAN, 1986. p. 271-279. 1986.
- JACOBUS, A.L. Considerações sobre o uso da fauna por populações "paleo-indígenas" de ambientes de cerrado e caatinga. In: **I Simpósio de Arqueologia da Região Sudeste e Áreas Vizinhas**. MS. 1986.
- LAGIGLIA, H. A. Prehistoria del centro oeste Argentino. **Notas del Museo**. 15: 15-22. 1974.
- MILLER, E.T. Resultados preliminares das pesquisas arqueológicas paleo-indígenas no Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Actas del XLI Congreso Internacional de Americanistas, Mexico**, 2 al 7 de septiembre de 1974. Mexico, Inst. Nacional de Antropologia y Historia. v.3 p. 483-491. 1976.
- PAULA COUTO, C. de. **Tratado de paleomastozoologia**. Rio de Janeiro, Acad. Bras. de Ciências. 1976.
- PROUS, A. Os mais antigos vestígios arqueológicos no Brasil Central (Estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia). In: BRYAN, 1986. p. 173-181.
- STANFORD, D. J. A Critical review of archaeological evidence relating to the antiquity of human occupation of the New World. In: UBELAKER, D. H. e VIOLA, H. J. **Plains indians studies**. Washington, SIP. p. 202-218. 1982.
- URREGO, G. C. Apuntes sobre el medio ambiente pleistocénico y el hombre prehistórico en Colombia. In: BRYAN, 1986. p. 115-131. 1986.